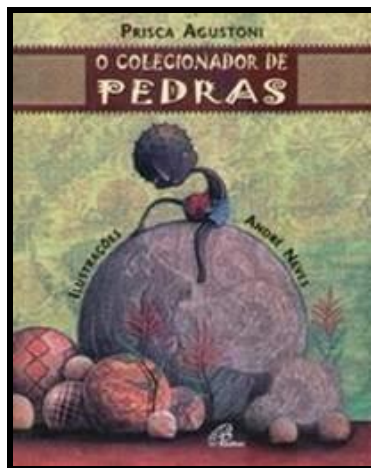

O COLECIONADOR DE PEDRAS (A HISTÓRIA DE UM MENINO QUE SABIA TRANSFORMAR OS DESERTOS)

Neuza Maria Sant'Anna de Oliveira^(*)
Juliana Ribeiro^(**)



O Colecionador de Pedras, texto escrito por Prisca Agustoni (2006), ilustrado por André Neves e publicado pela editora Paulinas é um belíssimo livro que conta a história de encontro entre Ambaye e Noemia, ambos negros, habitantes de uma aldeia africana. Embora escrito e dirigido ao público infantil, é uma história capaz de prender a atenção de todos, de comover e emocionar tanto as crianças quanto os adultos, ensinando-nos que boa literatura não conhece fronteiras entre públicos. E seu público pode ser de qualquer idade, gênero, raça ou etnia. Neste sentido, a boa literatura é universal.

Uma história bem contada não conhece idade. Este é o caso, por exemplo, de *O Pequeno Príncipe*, história criada e escrita por Saint-Exupéry, que é capaz de ser lida e apreciada tanto por crianças quanto por adultos, cada qual na medida de suas possibilidades de compreensão próprias à sua idade e às suas experiências de vida. A leitura, como nos ensina Penac (1995), é o diálogo livre entre o leitor e o texto. Portanto, a boa literatura não é aquela apenas que se dirige a um público específico infantil ou adulto, antes aquela que é capaz de despertar o desejo de lê-la, deixando cada leitor ou leitora livre para produzir e fabricar os seus sentidos. Só assim ela poderá ser lida e relida

^(*) Mestranda em educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail : neuka20@yahoo.com.br.

^(**) Graduanda em pedagogia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: prof.julianaribeiro@gmail.com.

e/ou ouvida várias vezes *ad infinitum*. Só assim ela se torna palavra viva, circulando em meio aos homens no seio da sociedade.

A história escrita por Prisca Agustoni é uma dessas obras que devem ser sempre revisitadas e não importa a idade que tenhamos. É obra que não se esgota apenas por uma única visada. Sempre que voltarmos a ela, havemos de encontrar coisas que não havíamos percebido na leitura anterior. Será sempre um novo texto, um novo encontro, uma nova enunciação não reiterável.

É nesta perspectiva que, para nós, a literatura ganha sentido para a formação e educação das crianças em direção à constituição do humano e, por conseguinte, de suas próprias cidadanias. Portanto, a obra em questão não é apenas uma boa história, mas necessária. A partir de dois jovens negros e africanos ela nos ajuda a crescer-compreender os mistérios da alma humana. Isto tudo, sem qualquer exagero ou empolgação de nossa parte, o leitor ou leitora haverá de encontrar no livro de Agustoni, no diálogo entre Ambaye e Noemia.

Prisca Agustoni não nos conta apenas uma história capaz de nos comover e de nos emocionar, mas também de nos proporcionar momentos de deleite e de reflexão sensível a respeito da vida e da importância do outro em nossas vidas. Uma história, portanto, que não se deve perder a oportunidade de ler e compartilhar, seja com as crianças, seja com os adultos – crianças de outros dias, crianças amadurecidas –, pois nosso ser criança não morre nunca.

Ressalte-se ainda que, como história escrita para crianças, a autora, junto com o ilustrador da obra, nos presenteia com belas e criativas imagens, verdadeiras obras de arte para deleite do leitor ou leitora. E quem tiver a oportunidade de ver, veja e, como o jovem Ambaye, repare, aprecie e se divirta, não só com o texto, mas também com suas imagens. Imagens que, dada a qualidade estética, jamais serão esquecidas. É uma obra de fruição moral e estética. Coisas que jamais podem faltar na formação integral de qualquer pessoa, principalmente na formação das crianças.

Ilustrações que são - como já afirmamos acima- verdadeiras obras de arte, e que, por isso mesmo, fazem desse pequeno livro, objeto de desejo de qualquer amante da beleza. São pedras, pois, que nos mostram a alma poética de Ambaye em contraste com a alma triste de Noemia. Nesse sentido, as ilustrações não são meros recursos plásticos de apoio visual à história, mas enunciações que aprofundam e que nos arrebatam para uma atmosfera de encantamento e de prazer visual que dialogam em uma fina sintonia com o texto escrito por Agustoni.

A HISTÓRIA DO ENCONTRO ENTRE AMBAYE E NOEMIA: DOIS OLHARES SOBRE O MUNDO

Ambaye é um menino negro que usa birotos na cabeça e que mora em alguma parte do litoral africano. A autora não nos oferece informação alguma sobre qual país africano a história se passa. Ambaye é apenas apresentado como um menino curioso que vive em uma casa com seus pais e mais sete irmãos. A casa onde mora é uma casa frágil e precária e em dias de chuva e vento tanto faz estar dentro ou fora dela. Por isso, Ambaye está sempre à procura de outros lugares para se abrigar, seja da chuva ou do vento. As ilustrações do livro nos mostram que ora ele está a caminhar em uma estrada de hibiscos, ora a descansar à sombra de um Baobá, um tipo de árvore grande que existe em várias partes do mundo, inclusive no Brasil.

Ambaye é, sobretudo, um menino curioso que gosta muito de conversar e de estar sempre perto dos mais velhos e das mulheres da sua família. A característica de conversador faz dele um menino especial e um personagem encantador. Difícil qualquer leitor ou leitora não se encantar com seu tipo alegre e vivaz. Apesar de falante, como é toda criança saudável e segura de si, ele é também um bom ouvinte e muito paciente e sempre pronto a iniciar um bom papo. Características estas que contribuem muito para todo o desenrolar da história. É com esse seu jeito de falador que ele presta ajuda a Noemia que, ao contrário dele, é uma jovem profundamente triste e que já perdeu quase todo interesse pela vida. Ela não acredita que a vida pode ser de outro modo, do jeitinho que Ambaye a vê. Ambaye é um artista plástico, um poeta nato das imagens, capaz de ver beleza em tudo, daí possuir o hábito inusitado de colecionar pedras. Pedras que ele decora e pinta de várias formas e jeitos, colorindo o mundo.

Noemia é uma jovem de olhar triste, distante e silenciosa, que caminha em busca de algo, mas que parece não encontrar. Daí a sua tristeza profunda. Ao contrário de Ambaye, tudo nela enuncia a solidão, tristeza, desesperança e desinteresse pela vida. Diferente de Ambaye, a vida dela é um deserto sem poesia e sem cor, por isso vê aquele lugar como um dos lugares mais tristes do mundo. O olhar de Noemia é realista e pessimista e, portanto, olha para aquele mundo como de fato ele é ou está sendo. Todavia, o olhar de Ambaye, poderíamos afirmar, é também do mesmo tipo, mas com uma diferença fundamental: é um olhar que não vê apenas o mundo como de fato é, mas como ele poderia ou deveria ser para qualquer criança: colorido, bonito e alegre. Coisas essas que só a imaginação e a fantasia infantil ou adulta podem construir. O olhar de Noemia é tópico, vê o que vê. O de Ambaye é utópico, vê o mundo em formação. O mundo que ele quer que seja. Onde Noemia só vê pedras e se conforma apenas em vê-las, Ambaye vê poesia e transforma as pedras em enunciações e profusões poéticas. O mundo para Ambaye só pode ser belo.

No encontro ou desencontro destes dois olhares, entre a beleza e a feiura, entre a liberdade da imaginação e o aprisionamento da realidade, é que se desenrola todo o drama da história humana: o mundo como de fato é, porém, sem se conformar com o que ele está sendo.

Como e por que se interessar pela história de um menino africano que cata pedras e uma jovem de olhar tristonho? Por que deveríamos nos interessar por histórias que se passam em outros lugares? Podemos encontrar as respostas às nossas perguntas em um vídeo do *You Tube* em que a escritora nigeriana Chimamanda Adichie nos fala a respeito “do perigo da história única”. Neste vídeo, Adichie nos conta sua história pessoal a respeito de sua relação com os livros e de como a leitura interferiu no seu processo de formação. Ao contar sua história pessoal, a escritora nigeriana nos revela uma face dupla da literatura, em que ela não é uma coisa inocente que serve apenas para nos divertir, antes para nos advertir. Ela pode tanto nos informar e formar como também nos alienar de nós mesmos. Em ambos os casos, ela (a literatura) interfere em nossa visão de mundo, amplia ou o reduz.

Daí a importância de se oferecer, de se contar histórias às crianças não só de um único ponto de vista sobre o mundo. Antes, segundo ela, devemos oferecer e proporcionar às crianças uma variedade delas para que elas possam construir uma visão de mundo mais ampliada, que não se resume apenas ao lugar onde vivem, mas que se constitua a partir da visão de outros lugares, de outras culturas, hábitos e costumes, enfim, de formas diferentes de viver, de maneira a possibilitar a criação de um senso crítico sobre os nossos próprios modos de vida.

REFERÊNCIAS

AUGUSTONI, Prisca. *O colecionador de pedras*. Rio de Janeiro: Paulinas, 2006.

PENAC, Daniel. *Como um romance*. Trad.: Leny Werneck. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

Páginas acessadas da internet

<https://www.youtube.com/watch?v=_4uXhbSWIJs>. Acesso em: 12 jul. 2013.

*Recebido em julho de 2013
Aprovado em agosto de 2013*